

QUADRO PRONOMINAL, VARIAÇÃO E GRAMÁTICA: ANÁLISE DE COLEÇÕES DIDÁTICAS E PROPOSTA DE ENSINO EM TRÊS EIXOS

PRONOMINAL PARADIGM, VARIATION, AND GRAMMAR: AN ANALYSIS OF TEXTBOOK COLLECTIONS AND A THREE-AXIS TEACHING PROPOSAL

Monique Débora Alves de Oliveira Lima¹

¹ Universidade do Estado do de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Orcid <https://orcid.org/0000-0001-6980-6836>

e-mail: mnqdb@gmail.com

Recebido em 05.07.2026

Aceito em 04.08.2026

Resumo: Este artigo discute o ensino do quadro pronominal do português brasileiro (PB) na Educação Básica, considerando a tensão entre tradição gramatical, descrição linguística e tratamento didático da variação. Parte-se da constatação de que os quadros de pronomes pessoais apresentados em gramáticas tradicionais e materiais escolares nem sempre contemplam formas produtivas no PB, como *você(s)*, *a gente* e diferentes estratégias de expressão do acusativo anafórico de terceira pessoa. Com base na Teoria da Variação e Mudança e em reflexões da Sociolinguística Educacional, o estudo toma como orientação a proposta de Ensino de Gramática em Três Eixos, formulada por Vieira (2017), que articula reflexão linguística, produção de sentidos e abordagem da variação/normas. O artigo analisa, inicialmente, o tratamento conferido ao quadro pronominal em gramáticas tradicionais e em estudos linguísticos dedicados ao tema. Em seguida, examina duas coleções didáticas de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental – *Teláris Essencial: português* e *Português: linguagens* –, disponibilizadas no contexto da escolha do PNLD 2024-2027. Por fim, revisita recortes da proposta didática elaborada por Lima (2017), voltada ao ensino do quadro pronominal em três eixos. A análise indica que, embora as coleções didáticas incorporem avanços pontuais, a variação morfossintática ainda é tratada de modo pouco sistemático, o que reforça a necessidade de propostas didáticas ancoradas na descrição sociolinguística do PB.

Palavras-chave: Quadro pronominal. Variação linguística. Ensino de gramática.

Abstract: This article discusses the teaching of the pronominal paradigm of Brazilian Portuguese (BP) in Basic Education, considering the tension between grammatical tradition, linguistic description, and the didactic treatment of variation. It starts from the observation that the paradigms of personal pronouns presented in traditional grammars and school materials do not always include productive forms in BP, such as *você(s)*, *a gente*, and different strategies for expressing the third-person anaphoric accusative. Based on the Theory of Variation and Change and on reflections from Educational Sociolinguistics, the study adopts Vieira's (2017) Three-Axis Grammar Teaching proposal as its guiding framework, articulating linguistic reflection, meaning production, and the treatment of variation/norms. The article first analyzes how the pronominal paradigm is treated in traditional grammars and in linguistic studies devoted to the topic. It then examines two Portuguese language textbook collections for the final years of Elementary School – *Teláris Essencial: português* and *Português: linguagens* – made available during the PNLD 2024-2027 selection process. Finally, it revisits excerpts from the didactic proposal developed by Lima (2017), aimed at teaching the pronominal paradigm through three axes. The analysis indicates that, although the textbook collections incorporate specific advances, morphosyntactic variation is still treated in a rather unsystematic way, which reinforces the need for didactic proposals grounded in the sociolinguistic description of BP.

Keywords: Pronominal paradigm. Linguistic variation. Grammar teaching.

PALAVRAS INICIAIS

Sobre variação e ensino, não podemos mais nos contentar com generalidades.

Carlos Alberto Faraco (2015, p. 20)

O ensino do quadro pronominal costuma aparecer em materiais didáticos voltados para o 6º ano do Ensino Fundamental. No que tange às categorias gramaticais abordadas nesse ano de escolaridade, observa-se, em muitos livros didáticos, a presença de unidades destinadas ao estudo das chamadas classes de palavras, como substantivo, adjetivo, numeral e pronome, entre outras. De modo geral, essa abordagem antecede o estudo mais sistemático da sintaxe, que tende a ser desenvolvido nos anos posteriores. Nesse percurso, o reconhecimento das classes gramaticais parece ser concebido como etapa preparatória para a compreensão de seu funcionamento em estruturas morfossintáticas.

No caso dos pronomes pessoais, entretanto, essa abordagem classificatória coloca um desafio específico: o quadro tradicionalmente apresentado em gramáticas e materiais didáticos nem sempre corresponde aos usos efetivos do Português Brasileiro (PB), já amplamente descritos por estudos linguísticos. Essa tensão torna-se ainda mais relevante quando se considera que o português é uma língua pluricêntrica, isto é, atravessada por diferentes centros normativos e por processos de padronização historicamente situados. Assim, discutir o ensino do quadro pronominal no Brasil implica também refletir sobre que norma de referência é mobilizada no contexto escolar e de que modo ela dialoga – ou não – com os usos efetivos dos falantes brasileiros.

Nas últimas décadas, no Brasil, foram desenvolvidas muitas pesquisas do campo da chamada Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004, 2025; Zilles *et al.*, 2015; entre outros), as quais defendem um ensino de língua que leve em consideração os usos efetivos das variedades linguísticas do Português. Essa orientação também se encontra presente em documentos oficiais que balizam o ensino de Língua Portuguesa, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nesse contexto, reconhecer a heterogeneidade linguística, compreender a diversidade de usos do português e combater práticas de preconceito linguístico constituem objetivos relevantes para a formação dos(as) estudantes da Educação Básica.

Considerando esse cenário, este artigo tem como objetivo discutir o ensino do quadro pronominal na Educação Básica, tomando como ponto de partida a análise de duas coleções didáticas de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental – *Teláris Essencial: português* e *Português: linguagens* –, disponibilizadas aos(as) professores(as) no contexto da escolha do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), para o período de vigência 2024-2027. Interessa observar de que modo essas obras tratam o quadro pronominal do Português Brasileiro (PB), especialmente no que se refere ao tratamento da variação linguística e à relação entre descrição gramatical e funcionamento textual-discursivo.

Em diálogo com essa análise, o artigo revisita uma proposta didática elaborada em Lima (2017), voltada ao ensino do quadro pronominal, com base na proposta de Ensino de Gramática em Três Eixos (Vieira, 2017). Busca-se, assim, responder à seguinte questão: de que maneira um material didático sobre o quadro pronominal do PB pode operacionalizar o ensino de gramática, articulando reflexão linguística, produção de sentidos e abordagem da variação/normas?

O texto estrutura-se em quatro seções, além desta introdução. A primeira apresenta os fundamentos teóricos da análise; a segunda revisa o tratamento do quadro pronominal em gramáticas tradicionais e em estudos linguísticos sobre o PB; a terceira examina as coleções didáticas selecionadas; e a quarta discute recortes da proposta de Lima (2017), orientada pelo Ensino de Gramática em Três Eixos. Por fim, tecem-se as considerações finais.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Este estudo inscreve-se na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança (cf. Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), que entende a língua como heterogênea e reconhece que as formas em variação são condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. A Sociolinguística Variacionista permite compreender, ainda, que as formas variantes são socialmente avaliadas, podendo ser associadas a estigmas, prestígio ou diferentes graus de monitoramento estilístico (Labov, 2008 [1972]). Essa variação se manifesta em diferentes níveis de descrição linguística, como o morfossintático, que interessa particularmente a este estudo.

A Língua Portuguesa é reconhecida como pluricêntrica (cf. Clyne, 1992; Muhr,

2012), uma vez que apresenta mais de um centro normativo. Nessa perspectiva, o estabelecimento dos *standards*, isto é, das variedades alçadas à condição de norma-padrão e adotadas no ensino e em documentos oficiais, envolve fatores históricos, políticos e ideológicos (cf. Milroy; Milroy, 1985; Ayres-Bennett, 2021; entre outros). O português brasileiro (PB), dadas as condições sócio-históricas de sua formação, difere do português europeu (PE) em diversos aspectos, não apenas lexicais, mas também estruturais, sendo um deles o quadro de pronomes pessoais.

No que concerne a esse quadro, as recomendações dispostas em gramáticas consideradas tradicionais (GTs) apresentam cenário bastante conservador em comparação ao que os estudos linguísticos das últimas décadas já mapearam sobre os pronomes em função nominativa, acusativa, dativa e reflexiva (cf. Lopes, 2007; Duarte; Ramos, 2015; Scherre *et al.*, 2015; Vianna; Lopes, 2015; entre outros). A próxima seção trará mais detalhes da descrição do tema, mas cumpre destacar, de antemão, que essa distância entre a tradição gramatical e a descrição linguística produz impactos significativos para o cenário educacional.

Diante disso, cabe perguntar: como ficam as recomendações que chegam ao contexto de ensino de Língua Portuguesa? Feytor Pinto (2022, p. 32) afirma que, no Brasil, parece haver uma tensão entre as práticas efetivas dos brasileiros e a norma de referência do sistema educativo. Com base em pesquisadores como Bagno (2018) e Faraco (2021), o autor aponta a falta de consenso entre a adoção de uma “nova” norma culta brasileira e a manutenção de uma “antiga” norma-padrão lusitanista, fortemente baseada no português europeu oitocentista.

Os sociolinguistas brasileiros, especialmente aqueles que se vinculam à perspectiva da Sociolinguística Educacional (cf., entre outros, Bortoni-Ricardo, 2004, 2025; Faraco, 2015), têm defendido a importância do reconhecimento sistemático da variação linguística nas aulas de português e levado essa discussão para instâncias de ensino. Fato é que, desde a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1998, há uma preocupação oficial com o ensino do componente da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa, o que também se manifesta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2018.

Uma contribuição fundamental para esse campo científico é a de Vieira (2017), que propõe o ensino de gramática a partir de três eixos articulados: (i) sistematização/reflexão linguística; (ii) produção de sentidos; e (iii) variação/normas.

No primeiro eixo, o trabalho com o componente gramatical deve promover a reflexão sobre o funcionamento da língua, partindo do conhecimento linguístico do falante e recorrendo à sistematização e à metalinguagem como instrumentos para tornar esse conhecimento consciente. O segundo eixo contempla a atuação dos recursos gramaticais na construção dos sentidos, articulando seu estudo às práticas de leitura e produção de textos. O terceiro, por sua vez, situa as estruturas linguísticas em uma matriz de variação, considerando a pluralidade de normas e sua distribuição em diferentes modalidades, gêneros textuais-discursivos e situações sociocomunicativas.

Os três eixos não constituem, portanto, frentes independentes: a reflexão sobre as estruturas gramaticais deve considerar simultaneamente seu funcionamento na construção dos sentidos e sua distribuição variável nos usos linguísticos. No caso dos pronomes abordados neste estudo, essa perspectiva implica não apenas reconhecer e sistematizar as formas disponíveis, mas observar os sentidos que produzem e os contextos em que circulam.

2. O QUADRO PRONOMINAL DO PB ENTRE TRADIÇÃO GRAMATICAL E DESCRIÇÃO LINGÜÍSTICA¹

Esta seção apresenta um breve panorama do tratamento conferido ao quadro pronominal em gramáticas de orientação tradicional e em descrições linguísticas voltadas ao PB, a fim de fundamentar a análise dos materiais didáticos contemplados neste artigo.

De modo geral, as gramáticas consultadas apresentam quadros que carecem de atualização em relação aos usos efetivos do PB (cf. Rocha Lima, 2018 [1972]; Cunha; Cintra, 2016 [1985]; Bechara, 2015 [1999]). A seguir, reproduz-se o quadro disposto na *Moderna gramática portuguesa*, semelhante aos encontrados nas outras obras de referência consultadas.

¹ No presente trabalho, recortam-se as funções nominativa e acusativa: a primeira, com foco na 1ª pessoa do plural e na 2ª pessoa do singular; a segunda, com foco na 3ª pessoa. A delimitação justifica-se pelo fato de essas funções serem exploradas tanto nos materiais didáticos analisados quanto na proposta didática revisitada.

Quadro 1 – Paradigma tradicional dos pronomes pessoais em Bechara (2015 [1999])

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (com prep.)
Singular:	1ª pessoa: <i>eu</i>	<i>me</i>	<i>mim</i>
	2ª pessoa: <i>tu</i>	<i>te,</i>	<i>ti</i>
	3ª pessoa: <i>ele/ela</i>	<i>lhe, o, a, se</i>	<i>ele, ela, si</i>
Plural:	1ª pessoa: <i>nós</i>	<i>nos</i>	<i>nós</i>
	2ª pessoa: <i>vós</i>	<i>vos</i>	<i>vós</i>
	3ª pessoa: <i>eles/elas</i>	<i>lhes, os, as, se</i>	<i>eles, elas, si</i>

Fonte: Bechara, 2015 [1999], p. 172

No capítulo referente ao tratamento dos pronomes pessoais do livro *Ensino de gramática: descrição e uso*, Lopes (2007) reforça a urgência de revisão do quadro contido nas gramáticas normativas de referência no país. Segundo a autora, “os manuais didáticos raramente fazem alusão às novas formas pronominais quando descrevem o quadro de pronomes pessoais” (Lopes, 2007, p. 115). Após apresentar a visão tradicional e a dos estudos linguísticos sobre o tema, a autora propõe um quadro dos pronomes em função nominativa e acusativa mais compatível com a descrição do PB, conforme se vê a seguir:

Quadro 2 – Proposta de quadro pronominal do PB em Lopes (2007)

Pessoa	PRON. SUJEITO	PRON. COMP. DIRETO
P1	<i>eu</i>	<i>me</i>
P2	<i>tu/você</i>	<i>te, lhe, (se), você</i>
P3	<i>ele/ela</i>	<i>o, a (se)/lhe/ele(a)</i>
P4	<i>nós/a gente</i>	<i>nos/a gente</i>
P5	<i>vocês</i>	<i>vocês/lhes/se</i>
P6	<i>eles/elas</i>	<i>os/as (se)/lhes/se</i>

Fonte: adaptado de Lopes, 2007, p. 116

A necessidade de revisão do quadro tradicional também é corroborada por estudos reunidos no livro *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro* (Martins; Abraçado, 2015), especialmente aqueles dedicados à variação dos pronomes *nós* e *a gente* (Vianna; Lopes, 2015), à variação entre *tu* e *você* (Scherre *et al.*, 2015) e à variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva (Duarte; Ramos, 2015). Em relação ao nominativo, esses trabalhos evidenciam que a expressão da 1ª pessoa do plural não se restringe à forma *nós*, assim como a expressão da 2ª pessoa do singular não se reduz à forma *tu*, uma vez que *a gente* e *você* integram, de modo

produtivo, o sistema pronominal do PB. No caso do acusativo anafórico de 3ª pessoa, a literatura descreve a concorrência entre diferentes estratégias de retomada, como o clítico acusativo, o pronome lexical, o sintagma nominal anafórico e o objeto nulo.

Essas descrições tornam evidente que o quadro pronominal efetivamente praticado no PB não coincide integralmente com aquele apresentado pela tradição gramatical. A manutenção exclusiva de formas como *tu*, *vós*, *o(s)/a(s)* e *lhe(s)*, sem a devida contextualização de seus usos e de sua distribuição variável, pode produzir uma imagem artificialmente estável do sistema pronominal. Por outro lado, a simples substituição de um quadro por outro também não resolveria o problema didático. Como observa Lopes (2007, p. 116), além de apresentar as inovações presentes no quadro pronominal do PB, é necessário manter o conhecimento de formas em desuso, como o pronome *vós*, como repertório passivo importante para a leitura de textos de outras sincronias ou participação em eventos sociais que utilizem essa variante.

Diante disso, entende-se que, do ponto de vista do ensino, o desafio não consiste apenas em “atualizar” a lista de pronomes pessoais, mas em construir condições para que os(as) estudantes compreendam a distribuição das formas em diferentes contextos de uso. Isso implica observar, por exemplo, que *nós* e *a gente*, *tu* e *você*, ou ainda as diferentes estratégias de retomada do acusativo anafórico de 3ª pessoa, não constituem apenas alternativas equivalentes em uma tabela, mas formas associadas a fatores linguísticos, discursivos, regionais, sociais, estilísticos e avaliativos. É justamente essa perspectiva que orienta a análise das duas coleções didáticas selecionadas neste artigo.

3. O TRATAMENTO DO QUADRO PRONOMINAL NAS COLEÇÕES *TELÁRIS ESSENCIAL: PORTUGUÊS* E *PORTUGUÊS: LINGUAGENS*

Nesta seção, analisam-se os trechos dedicados ao estudo dos pronomes pessoais em duas coleções didáticas de Língua Portuguesa voltadas para o 6º ano do Ensino Fundamental: *Teláris Essencial: português* e *Português: linguagens*. A análise observa, especialmente, de que modo essas obras incorporam descrições sociolinguísticas sobre o quadro pronominal do PB, considerando três aspectos da proposta de Vieira (2017): a apresentação dos paradigmas pronominais, a relação entre pronomes e produção de sentidos e o tratamento conferido à variação

linguística.

Na coleção *Teláris Essencial: português*, o estudo dos pronomes figura na Unidade 7, intitulada “Opiniões em jogo”. No início da unidade, apresenta-se aos(as) estudantes uma lista de objetivos, entre os quais se destacam o estudo do gênero textual-discursivo artigo de opinião, do verbo, de partes importantes da oração, da concordância com a pessoa pronominal, dos pronomes pessoais e do uso dos pronomes como recursos de produção textual. Ao contrário do que ocorre com outras classes gramaticais, abordadas de modo relativamente independente de seu emprego na oração, chama atenção o fato de que os pronomes aparecem após o estudo da concordância verbal, em um movimento que relaciona a flexão de pessoa do verbo à referência pronominal.

Os pronomes pessoais são apresentados, então, a partir de um quadro, reproduzido a seguir:

Quadro 3 – Quadro de pronomes pessoais na coleção *Teláris Essencial: português*

Pronomes pessoais		
Observe as pessoas gramaticais ou pessoas do discurso representadas pelos pronomes pessoais.		
Pessoas gramaticais ou pessoas do discurso	Número	
	Singular	Plural
1ª pessoa — pessoa que fala	Eu durmo	Nós dormimos
2ª pessoa — pessoa com quem se fala	Tu dormes/Você* dorme	Vós dormis/Vocês* dormem
3ª pessoa — pessoa de quem se fala	Ele/Ela dorme	Eles/Elas dormem

* Observe que **você** e **vocês** correspondem a pronomes da 2ª pessoa — a pessoa com quem se fala —, pois em grande parte do Brasil essas formas são muito empregadas.

Fonte: coleção *Teláris Essencial: português*, p. 211

Uma primeira observação indica que o quadro da coleção *Teláris Essencial: português* representa um avanço em relação à configuração mais conservadora encontrada em gramáticas tradicionais, uma vez que inclui *você/vocês* como formas associadas à 2ª pessoa discursiva. Os autores aproveitam esse ponto para fazer menção à variação diatópica, afirmando que essas formas são muito empregadas em grande parte do Brasil. Não há, entretanto, uma informação mais precisa quanto à distribuição regional dessas formas, já amplamente mapeada por estudos sociolinguísticos sobre o PB, como Scherre *et al.* (2015).

Na página 213, ao tratar dos pronomes *você* e *tu*, os autores afirmam que, em

algumas regiões do Brasil, como o Norte, o Nordeste e o Sul, o pronome *tu* é bastante empregado na linguagem cotidiana (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2022, p. 213). Acrescentam, ainda, que ocorre aquilo que tradicionalmente se denomina “mistura de tratamento”, quando há uso dos pronomes *tu* e *você* e de seus correspondentes (*lhe*, *o*, *a*, *te*, *ti*) em uma mesma fala. Em orientação lateral dirigida ao(à) docente, reproduzida a seguir, a coleção recomenda que os usos regionais sejam validados a fim de evitar práticas de preconceito linguístico, e que os(as) estudantes sejam levados a avaliar suas escolhas linguísticas conforme as circunstâncias de uso:

Reitera-se a necessidade de validar os usos, especialmente os regionais, para que os estudantes evitem o preconceito linguístico. A presença desses usos em letras de canções, em poemas, na mídia reitera o quanto está incorporado no cotidiano. É sempre necessário que os estudantes avaliem suas escolhas e em que circunstâncias são mais ou menos adequadas (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2022, p. 213).

A ausência do pronome *a gente* no quadro da coleção *Teláris Essencial: português*, no entanto, impede que se explore, nesse momento, uma articulação produtiva entre descrição gramatical, concordância verbal e variação sociolinguística, justamente em uma unidade que trata da relação entre pessoa pronominal e flexão verbal. Haveria, nesse ponto, uma oportunidade de mostrar aos(as) alunos(as) que, a depender de fatores regionais e/ou sociais, esse pronome pode ocorrer com marcas de 3ª pessoa do singular ou, em determinados contextos, com marcas de plural, sendo esta última possibilidade socialmente estigmatizada. Considerando-se que a concordância verbal apresenta alta sensibilidade no que diz respeito à avaliação sociolinguística e constitui um dos principais indicadores da polarização sociolinguística do PB (Lucchesi, 2015), a discussão sobre o emprego dos pronomes pessoais poderia contribuir para uma reflexão sobre o valor social das formas variantes e para a construção de orientações normativas não excludentes em relação aos usos linguísticos em diferentes situações sociocomunicativas.

A coleção *Teláris Essencial: português* reserva ainda uma seção chamada “Coesão textual: uso de pronomes e outros recursos”, na qual propõe exercícios sobre o uso efetivo dos pronomes em textos selecionados para o estudo. No caso, os(as) alunos(as) devem localizar os pronomes em um trecho do texto *Férias na Antártica*. Explora-se, por exemplo, o pronome *eles* em “Eles vão surgindo, com formatos e

tamanhos diferentes”, solicitando-se aos(às) estudantes que identifiquem seu referente – *icebergs* – e as formas verbais que com ele concordam (cf. Trinconi; Bertin; Marchezi, 2022, p. 215). O trabalho com os pronomes, contudo, permanece restrito à posição de sujeito e à função de retomada referencial.

Adiante, na mesma unidade, há ainda outra seção, intitulada “Outros desafios da língua: emprego de alguns pronomes pessoais do caso oblíquo”. Os exercícios propostos tratam exclusivamente de exemplos de acusativo anafórico de 3ª pessoa, sistematizados para os(as) estudantes no seguinte quadro:

Quadro 4 – Tratamento do acusativo anafórico de 3ª pessoa na coleção *Teláris Essencial: português*

Encapar o livro .	→ Encapar ele . (uso mais informal)
	Encapar + o = Encapá- lo . (uso mais formal)
Vender as laranjas .	→ Vender elas . (uso mais informal)
	Vender + as = Vendê- las . (uso mais formal)
Isso ocorrerá sempre que a forma verbal for terminada em r , s ou z :	
Comprar o livro .	→ Comprá- lo .
Guardamos o livro .	→ Guardamo- lo . (Esse registro está se tornando incomum.)
Traz o livro .	→ Trá- lo . (Esse registro tem ocorrido cada vez com menos frequência no português do Brasil.)

Fonte: Trinconi; Bertin; Marchezi, 2022, p. 217

O quadro contempla apenas duas estratégias de expressão do acusativo anafórico de 3ª pessoa, o clítico acusativo e o pronome lexical, ambas também já comentadas pela tradição gramatical. Chama atenção o fato de que essas formas são organizadas a partir da dicotomia formal/informal. Vale lembrar, como já evidenciado por estudos sobre o clítico acusativo e sobre o acusativo anafórico no PB (Duarte, 1986, 2015; Vieira; Freire, 2014; Lima, 2022, entre outros), que é problemático associar o clítico acusativo simplesmente à formalidade. No contexto do PB, essa forma tende a ser adquirida por meio da escolarização e, por isso, não deve ser tomada apenas como índice de formalidade, mas como forma associada ao acesso à gramática do letrado (Kato, 2005). Inclusive, em determinados eventos de fala de maior formalidade, como a apresentação de telejornais, essa forma pode ser evitada, a fim de favorecer maior aproximação com o interlocutor (Amorim, 2026).

Quanto ao uso do pronome lexical na função acusativa, também é importante apontar que, segundo os estudos mencionados, essa não é uma variante empregada

apenas em contextos de menor formalidade. Em razão do forte estigma associado a essa forma – muitas vezes perpetuado em exercícios escolares dessa natureza –, seu emprego tende a ser condicionado por fatores de ordem estrutural, como o contexto de minioração, em construções do tipo “Vou deixar *ele* ir embora”. Assim, a oposição formal/informal não parece suficiente para explicar a distribuição das estratégias de retomada do acusativo anafórico de 3ª pessoa no PB.

Por fim, o livro da coleção *Teláris Essencial: português* ainda oferece aos(as) alunos(as) uma seção denominada “Conhecimento e ação”, na qual são convidados a realizar uma pesquisa sobre usos dos pronomes em função oblíqua em jornais, revistas e gibis. Na orientação dirigida aos(as) professores(as), os autores propõem que os(as) estudantes registrem ocorrências de pronomes oblíquos, observem regularidades e circunstâncias de emprego e caracterizem os usos encontrados como mais coloquiais/informais, mais formais ou dependentes do falante (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2022, p. 218). Assim, novamente, o ponto de partida parece ser a dicotomia formal/informal, sem considerar que tanto eventos de fala quanto eventos de escrita podem apresentar diferentes graus de formalidade e de monitoração estilística.

Por outro lado, na coleção *Português: linguagens*, observa-se um movimento distinto. Embora haja menções à mudança linguística e à inclusão de *você(s)* e *a gente* no quadro dos pronomes pessoais do PB, a sistematização principal permanece mais próxima do paradigma tradicional. Além disso, nessa coleção, os pronomes são apresentados como o único conteúdo de natureza gramatical da Unidade 3 (Capítulo 2), sem associação direta com a concordância verbal. A seguir, reproduz-se o quadro desta obra didática:

Quadro 5 – Quadro de pronomes pessoais na coleção *Português: Linguagens*

Pronomes pessoais		
	Retos	Oblíquos
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele(a)	ele(a), o, a, lhe, se, si, consigo
1ª pessoa do plural	nós	nós, nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vós, vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles(as)	eles(as), os, as, lhes, se, si, consigo

Fonte: Cereja; Vianna, 2022, p. 205

Como se pode notar pelo disposto no quadro, a sistematização assemelha-se à encontrada nas gramáticas tradicionais e não apresenta os pronomes *você* e *a gente* como integrantes do quadro de pronomes pessoais do português. Entretanto, na seção “Pronomes de tratamento”, os autores mencionam que alguns especialistas defendem a inclusão de *você(s)* e *a gente* entre os pronomes pessoais do caso reto do português brasileiro, em razão do uso crescente dessas formas em lugar de *tu*, *vós* e *nós*. Também observam que o pronome *vós*, antes mais frequente, restringe-se atualmente a situações muito formais, como textos jurídicos, bíblicos e políticos, sendo substituído por *você* ou *vocês* (cf. Cereja; Vianna, 2022, p. 205).

Embora a coleção mencione a possibilidade de inclusão de *você(s)* e de *a gente* entre os pronomes pessoais do caso reto no português brasileiro, essa informação não altera a organização do quadro principal, que permanece alinhado à tradição gramatical. Com isso, a variação é reconhecida, mas não plenamente incorporada à sistematização apresentada aos(as) estudantes.

Cabe mencionar que é no 6º ano que, de maneira geral, os livros didáticos dedicam um capítulo à temática da variação linguística. Conforme já apontado por Lima (2014), essa abordagem, muitas vezes, restringe-se à apresentação de categorias amplas de interpretação da variação linguística e permanece centrada no nível lexical. Na BNCC, documento mais recente de orientação nacional para o ensino de Língua Portuguesa, a habilidade EF69LP55 prevê que o aluno deve “reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico” (Brasil, 2018, p. 161).

A Unidade 1 da coleção *Português: linguagens* dedica-se inteiramente a tratar da variação linguística. Na página 43 do Livro do Estudante, por exemplo, há uma seção intitulada “Tipos de variação linguística”, em que são apresentadas macrocategorias de percepção da variação linguística, como diatópica, diamésica e diafásica. Na página seguinte, os(as) alunos(as) são convidados a refletir sobre a diferença entre “norma-padrão” e “variedades de prestígio”. No entanto, da maneira como são apresentadas posteriormente, no quadro da seção dos pronomes de tratamento, as formas *você(s)* e *a gente* parecem não ser plenamente aproveitadas como oportunidade para trabalhar a variação sincrônica já descrita por diversos estudos sobre o PB.

Na página 206, no trecho dedicado ao estudo dos pronomes, os autores apresentam um quadro sobre a formação histórica de você. Partindo da afirmação de que a língua tende à “economia” e à “simplificação”, explicam que *Vossa Mercê*, forma de tratamento empregada para demonstrar respeito ao interlocutor, passou por sucessivas transformações: “Com o tempo, o pronome popularmente se transformou em *vosmecê*, posteriormente em *vancê*, até chegar à forma atual *você*” (Cereja; Vianna, 2022, p. 206). O quadro menciona ainda a forma reduzida *cê*, registrada no uso contemporâneo. Em comparação com versões anteriores da mesma coleção, que não traziam essa perspectiva, a abordagem representa uma ampliação do tratamento do quadro pronominal, ao reconhecer sua historicidade e processos de mudança linguística. Entretanto, a variação sincrônica na expressão da 2ª pessoa, especialmente a alternância entre *tu* e *você*, amplamente documentada em diferentes regiões do Brasil, permanece tratada de modo bastante genérico.

Adiante, ainda na seção dedicada à apresentação dos pronomes, a coleção *Português: linguagens* descreve os pronomes possessivos, demonstrativos, indefinidos e interrogativos. Por fim, na seção denominada “Os pronomes e a coesão textual”, os autores afirmam no Livro do Estudante: “Os pronomes têm, portanto, função de retomar ou fazer referência a termos em um texto ou em um enunciado, realizando as ligações gramaticais que chamamos de **coesão textual**” (Cereja; Vianna, 2022, p. 210).

As questões 1 a 4, elaboradas a partir de uma tirinha de Calvin, solicitam apenas que os(as) alunos(as) reconheçam e classifiquem pronomes de 1ª pessoa, como *eu*, *me* e *minha*. Embora o pronome *você* apareça na fala da mãe do personagem, seu funcionamento como forma de referência à 2ª pessoa não é explorado.

De modo geral, a análise das duas coleções indica que o quadro pronominal do PB já aparece, em alguma medida, atravessado por preocupações relativas à variação linguística e à produção de sentidos. No entanto, essas dimensões ainda são exploradas de forma pontual. Em ambas as obras, observam-se avanços em relação ao tratamento estritamente classificatório dos pronomes, mas também permanecem lacunas importantes: a incorporação parcial de formas inovadoras, a centralidade de quadros herdados da tradição gramatical e a tendência a interpretar usos variáveis por meio de dicotomias amplas, como formal/informal.

Na próxima seção, retomam-se trechos da proposta de ensino do quadro pronominal desenvolvida em Lima (2017), com o objetivo de observar de que maneira o Ensino de Gramática em Três Eixos pode favorecer uma abordagem mais sistemática da relação entre descrição gramatical, produção de sentidos e variação linguística.

4. UMA PROPOSTA DE ENSINO DE PRONOMES EM TRÊS EIXOS

Nesta seção, descrevem-se algumas das atividades didáticas propostas por Lima (2017) para o trabalho com o quadro pronominal do PB. Os recortes aqui contemplados referem-se ao nominativo de 1ª pessoa do plural, ao nominativo de 2ª pessoa do singular e ao acusativo de 3ª pessoa, funções que apresentam variação no PB e que, portanto, podem ser produtivamente abordadas na perspectiva do Ensino de Gramática em Três Eixos. Cabe pontuar que, embora o material não tenha sido aplicado – como ocorre, por exemplo, em pesquisas desenvolvidas no âmbito do ProfLetras² –, foi projetado para o 9º ano do Ensino Fundamental, etapa em que os(as) estudantes já tendem a ter maior familiaridade com noções como transitividade verbal, função sintática e concordância, necessárias à abordagem das implicações morfossintáticas da atualização do quadro pronominal.

4.1 Expressão do nominativo de 1ª pessoa: *nós* x *a gente*

A expressão do sujeito de 1ª pessoa do plural foi abordada, na proposta didática de Lima (2017), a partir de textos de diferentes gêneros textuais-discursivos e graus de monitoração. Ao tratar da alternância entre *nós* e *a gente*, o material coteja textos representativos tanto da modalidade escrita quanto da oralidade, de modo a levar os(as) estudantes a observar a distribuição dessas formas em diferentes situações sociocomunicativas. A seguir, observa-se um trecho do material desenvolvido (Figuras 1 e 2):

² O trabalho de Lima (2017) foi desenvolvido em um curso de mestrado acadêmico e, apesar de não existir a obrigatoriedade de elaboração de propostas didáticas, comprometeu-se com este desafio.

Figura 1 – Texto-base para o trabalho com o pronome *nós* no Módulo III da proposta didática

➤ O texto a seguir reproduz a fala de uma figura pública importante. Essa fala foi veiculada, inicialmente, na edição do jornal televisivo *RJTV*. Posteriormente, a reportagem foi escrita e publicada no site G1. Observe a fala do atual prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, sobre um possível corte na verba destinada às Escolas de Samba da cidade.

TEXTO I

“São 12 mil crianças que hoje estão em creche conveniadas. O Rio de Janeiro paga per capita R\$ 10 para cada criança. É preciso aumentar pelo menos para R\$ 20. Agora, façam as contas. Isso tudo exige de nós austeridade e sacrifício. Todos precisam contribuir. A prefeitura está contribuindo. Nós cortamos secretarias, nós cortamos mais de mil cargos políticos. O carnaval precisa contribuir conosco, nos ajudar nesse esforço”.

(<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2018/noticia>. Acesso em 15/6/2017)

Fonte: Lima, 2017, p. 150

Figura 2 – Atividades sobre referência pronominal e monitoração estilística no Módulo III

3) Observe as seguintes orações:

“Nós cortamos secretarias, nós cortamos mais de mil cargos políticos”

a) Quais termos funcionam como sujeito dos verbos destacados?

b) A quem se refere o pronome *nós*, nesse contexto?

4) Em relação à formalidade da situação comunicativa, responda às questões.

a) O prefeito tem uma relação de familiaridade ou não com seu entrevistador?

b) O tópico da conversa exige uma “conversa séria” ou admite “brincadeiras”?

c) Nesse tipo de situação comunicativa específica (*fala monitorada*), são esperadas variantes linguísticas mais formais ou menos formais?

Fonte: Lima, 2017, p. 151

O Módulo III, voltado à expressão do sujeito pronominal de 1ª pessoa, reúne textos de caráter dialógico, como entrevistas e requisições. A presença de textos escritos que registram eventos originalmente orais permite mostrar aos(as) alunos(as) que as fronteiras entre fala e escrita não são estanques. As modalidades podem ser compreendidas em um *continuum*, no qual diferentes gêneros textuais-discursivos apresentam maior ou menor concepção de oralidade/letramento, podendo inclusive reunir características de ambas. No caso do texto apresentado na Figura 1, busca-se demonstrar que, embora se trate de um evento de fala, o então prefeito da cidade do Rio de Janeiro utiliza o pronome *nós*, forma mais associada, nesse contexto, a situações de maior monitoração linguística.

Na proposta de Lima (2017), há ainda outros textos, que contemplam a variante *a gente*. Em determinado momento, os(as) alunos(as) são convidados a refletir sobre a alternância de *nós* e *a gente*, comparando uma requisição divulgada em um Termo de Esclarecimento, publicado em Diário Oficial de Goiânia, e uma entrevista com estudantes insatisfeitos com a falta de professores(as) na rede FAETEC, do Rio de Janeiro. Embora compartilhem a temática da reclamação, os textos pertencem a gêneros textuais-discursivos bastante distintos: o primeiro é mais representativo de uma concepção de letramento, enquanto o segundo se aproxima mais de uma concepção de oralidade. Com isso, os(as) alunos(as) são conduzidos a perceber que a forma *a gente*, embora amplamente produtiva no PB, tende a sofrer maior restrição em gêneros de maior concepção de letramento e de maior monitoramento estilístico (cf. Marcuschi, 2001).

4.2 Expressão do nominativo de 2ª pessoa: *tu* x *você*

O trabalho com a expressão do nominativo de 2ª pessoa do singular, no material de Lima (2017), buscou mostrar aos(às) estudantes que há mais de uma forma disponível na língua e que a opção pelo uso de *tu* ou *você* não está necessariamente condicionada à modalidade oral/escrita nem à oposição formalidade/informalidade. Para isso, foram utilizados gêneros textuais-discursivos como entrevista publicada em revista voltada ao público adolescente, letra de canção, entre outros. A Figura 3, a seguir, reproduz alguns exercícios propostos para mostrar que a concordância com o pronome *tu* é variável.

Figura 3 – Atividade sobre a concordância variável com o pronome *tu* no Módulo IV

5) Observe o uso do pronome *tu* no fragmento da canção a seguir.

TEXTO III

Mete a mão que tu vai ver - fragmento

Bezerra da Silva

Mete a mão que tu vai ver
O que tu vai arrumar
Obá!
Vai entrar como gaiato
Arrumar só resfriado
E sarna pra se coçar

(<https://www.vagalume.com.br/bezerra-da-silva/mete-a-mao-que-tu-vai-ver.html>)

a) Você já deve ter visto, no seu livro didático (e também no Módulo I), que o pronome *tu* pode ser acompanhado do verbo com as marcas específicas de 2ª pessoa do singular, como em “*Tu cantas muito*”.

Na canção, os verbos que acompanham o pronome *tu* apresentam as marcas tradicionais de 2ª pessoa do singular? Justifique sua resposta.

b) Considerando o *paralelismo* sintático, que pronome é pressuposto no caso das construções verbais *vai entrar* e *arrumar* no Texto III?

Fonte: Lima, 2017, p. 156

O exercício tem por objetivo promover a reflexão linguística sobre o emprego do pronome que expressa a 2ª pessoa do singular a fim de conduzir os(as) estudantes, posteriormente, ao conhecimento sistematizado nas gramáticas tradicionais, que prescrevem o uso de *tu* com marcas verbais de 2ª pessoa, em vez de marcas de 3ª. Parte-se, portanto, do conhecimento linguístico que os(as) alunos(as) possuem como falantes do vernáculo brasileiro para conduzi-los a reflexões normativas sobre os usos priorizados em contexto escolar, como a concordância de *tu* com o paradigma da 2ª pessoa. Trata-se de um exemplo do trabalho com o Eixo I, proposto por Vieira (2017), na medida em que considera que o ensino de um conteúdo gramatical, como o emprego dos pronomes pessoais, deve promover reflexão sobre a língua, por meio de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas. Ao mesmo tempo, o exercício permite mostrar aos(as) alunos(as) que tal uso também constitui uma instância de variação linguística.

Ainda nesse módulo, o material proposto por Lima (2017) também apresenta comentários sobre o uso de *vós*, pronome que aparece como a única forma para expressar a 2ª pessoa do plural no quadro da gramática de Bechara (2015 [1999]) e no quadro disposto na coleção didática *Português: linguagens*, conforme mostrado anteriormente. Na Figura 4, reproduzida adiante, observam-se tais comentários:

Figura 4 – Contextualização do uso de vós no Módulo IV

No português brasileiro contemporâneo, tanto na modalidade falada quanto na escrita, a forma *vós* encontra-se em desuso pelos falantes. Esse pronome é encontrado em textos escritos, sobretudo de outras épocas que são lidos até hoje: a Bíblia, os romances de literatura, as cartas antigas, entre outros. Além disso, em rituais religiosos que utilizam a modalidade *oral* da língua – como em preces espontâneas ou não, para se referir a Deus ou à Santa Trindade – as pessoas ainda usam esse pronome (além do *tu* mais forma verbal na 2ª pessoa do singular), por provável influência da leitura dessa fórmula linguística. Faz sentido lembrar que o gênero *prece* pertence à oralidade e pressupõe uma relação de respeito com interlocutor (Deus), daí a escolha por uma forma pronominal extremamente formal. Também é importante refletir que os gêneros do domínio religioso também apresentam características do texto escrito, pois são baseados em modelos, como, por exemplo, o do original para todas as preces cristãs – a oração do *Pai Nosso*.

Fonte: Lima, 2017, p. 158

Neste excerto, o uso do pronome *vós* é contextualizado e sua restrição é explicitada: embora esteja em desuso na fala cotidiana da maior parte dos brasileiros, ainda aparece em alguns contextos específicos, como os eventos de natureza eclesial, textos bíblicos, literários ou de outras sincronias. Mostrar aos(as) alunos(as) que essa forma existe constitui uma maneira de ampliar seu repertório de recepção, fornecendo-lhes informações linguísticas relevantes para a leitura de textos antigos ou para a participação em práticas sociais específicas, como rituais litúrgicos. Nesse caso, não se trata de ensinar *vós* como forma produtiva de expressão do nominativo de 2ª pessoa do plural no PB contemporâneo, mas de situá-lo em seus contextos de circulação.

4.3 Expressão do acusativo anafórico de 3ª pessoa: *clítico acusativo*, *SN anafórico*, *pronome lexical* e *objeto nulo*

Como já mencionado, além das formas pronominais disponíveis para a expressão do acusativo anafórico de 3ª pessoa, há outras estratégias não pronominais mobilizadas nessa função – o SN anafórico e o objeto nulo –, que não costumam ser contempladas nas GTs nem nas coleções didáticas consultadas. Essa ausência pode ser motivada, em parte, pelo fato de não se tratar de formas pronominais, já que, de modo geral, os capítulos ou unidades em questão se dedicam

ao tratamento dos pronomes. Acredita-se, contudo, que é imprescindível mencioná-las, uma vez que essas estratégias têm papel na produção de sentidos, articulando-se ao Eixo II, e sofrem avaliação linguística distinta, o que as relaciona ao Eixo III.

A seguir, as Figuras 5 e 6 mostram exercícios voltados ao trabalho com duas dessas estratégias: o clítico acusativo e o objeto nulo. O primeiro é explorado a partir do gênero anedota; o segundo, a partir de um trecho de uma entrevista concedida por Guimarães Rosa a Homero Senna.

Figura 5 – Atividade sobre o clítico acusativo no Módulo V

TEXTO I

E Cabral descobriu o Brasil. Na manhã seguinte, o grumete foi acordá-lo:
- Dom Cabral, Dom Cabral, Frei Henrique de Coimbra mandou chamar o senhor para assistir à Primeira missa!
E Cabral respondeu:
- Estou muito cansado. Diga a ele que vou na das dez.
(ZIRALDO. Mais anedotinhas do bichinho da maçã. Editora Melhoramento)

1) Esse texto, embora seja escrito, busca reproduzir a fala dos personagens. Isso significa que as duas modalidades se misturam. Releia as seguintes orações:
“E Cabral descobriu o Brasil. Na manhã seguinte, o grumete foi acordá-lo”
a) A forma pronominal “lo” retoma qual termo?
b) Qual é a função sintática da forma pronominal “lo”?
c) Como ficaria a segunda oração se a forma pronominal “lo” retomasse o termo “as princesas”?
d) Essas duas orações pertencem à modalidade falada ou escrita da língua?

Fonte: Lima, 2017, p. 159

Figura 6 – Atividade sobre o objeto nulo no Módulo V

7) Esses dois textos apresentam mais uma estratégia para realizar o objeto direto de retomada. Releia as seguintes orações:

I – “*torcem o pano, molham-no novamente, voltam a **torcer***”

II – “*Perguntei se ela **conhecia**, disse que não*”

a) Nas duas orações, identifique o termo que funciona como objeto direto dos verbos destacados.
b) De que modo esses objetos se diferenciam dos demais apresentados até agora?

Fonte: Lima, 2017, p. 162

Esses dois exemplos evidenciam que a proposta de Lima (2017) se preocupou em trabalhar diferentes formas disponíveis no PB para a expressão do acusativo anafórico de 3ª pessoa. A essas estratégias são atribuídos valores distintos, a depender dos textos, gêneros e modalidades em que são mobilizadas. Como já indicado, estudos linguísticos sobre o tema mostram que ao clítico acusativo se associa maior prestígio, sendo essa uma variante preferida em textos escritos de maior monitoração, como os editoriais (Freire, 2005; Lima, 2022, entre outros). Por outro lado, o objeto nulo, por não sofrer o mesmo estigma associado ao pronome lexical, constitui uma estratégia bastante produtiva em contextos de oralidade, que vem sendo registrada em textos escritos. A questão 7, reproduzida acima, busca levar o(a) aluno(a) a reconhecer o objeto nulo como uma das variantes disponíveis no PB para expressar o acusativo anafórico de 3ª pessoa.

Em síntese, os recortes descritos nesta seção indicam que o ensino da morfossintaxe dos pronomes pessoais é enriquecido quando promove a reflexão sobre os usos linguísticos em situações concretas de interação. As formas pronominais e não pronominais mobilizadas para a referência e a retomada não apenas contribuem para a produção de sentidos, mas também constituem instâncias de variação, condicionadas por fatores como gênero textual-discursivo, modalidade, grau de monitoração e avaliação social. A proposta de Lima (2017), nesse sentido, mostra que os três eixos de ensino formulados por Vieira (2017) podem balizar a elaboração de materiais didáticos que considerem os usos efetivos do PB e contribuam com uma abordagem gramatical mais sensível à diversidade linguística brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscou-se analisar como gramáticas tradicionais, estudos linguísticos e coleções didáticas tratam o quadro de pronomes pessoais, considerando o contexto de uso brasileiro. Para isso, tomou-se a proposta de Ensino de Gramática em Três Eixos (Vieira, 2017) como orientação teórico-metodológica para a leitura dos materiais analisados. De modo geral, observou-se que as gramáticas tradicionais – em especial a de Bechara (2015 [1999]), por ser a mais recente entre as consultadas – ainda apresentam uma descrição bastante conservadora dos pronomes

efetivamente utilizados pelos brasileiros. As coleções didáticas investigadas, embora se mostrem abertas a algumas atualizações mapeadas por estudos linguísticos brasileiros, sobretudo por meio de boxes complementares e comentários destinados aos(às) professores(as), ainda podem investir de forma mais sistemática no componente da variação linguística, correspondente ao eixo III da proposta de Vieira (2017).

Essa discussão torna-se especialmente relevante quando se considera o português como língua pluricêntrica, isto é, como língua atravessada por diferentes centros normativos e por processos de padronização historicamente situados. No caso brasileiro, a tensão entre a tradição gramatical herdada e os usos efetivos do Português Brasileiro evidencia que o ensino do quadro pronominal não pode se restringir à reprodução de paradigmas normativos conservadores. Ao contrário, é preciso reconhecer que as normas de referência mobilizadas na escola devem dialogar com a descrição linguística do PB e com os diferentes contextos de uso em que as formas pronominais circulam.

Há, no Brasil, pesquisadores alinhados à pedagogia da variação linguística que, ao longo das últimas décadas, têm reunido esforços no sentido de defender que o ensino de Língua Portuguesa leve em consideração que a língua é sócio-historicamente situada e que suas práticas são atravessadas pela variação. Este artigo alinha-se a essa defesa e apresenta uma proposta em que o ensino do quadro pronominal do PB pode ser realizado a partir da articulação entre reflexão linguística, produção de sentidos e abordagem da variação/normas.

Acredita-se que a principal contribuição deste texto seja reforçar o papel das descrições do Português Brasileiro, especialmente aquelas realizadas no âmbito da Sociolinguística Variacionista, para a elaboração de práticas pedagógicas mais coerentes com os usos efetivos da língua. Ademais, a proposta didática descrita neste artigo, elaborada em Lima (2017), constitui uma alternativa de implementação de orientações presentes em documentos oficiais direcionados ao ensino de Língua Portuguesa, como a BNCC, no que diz respeito ao tratamento da variação linguística em contexto escolar. Retoma-se, por fim, a afirmação de Faraco (2015, p. 20), que serve de epígrafe a este texto: “Sobre variação e ensino, não podemos mais nos contentar com generalidades”.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, C. Z. **A expressão do objeto direto anafórico de terceira pessoa em telejornais capixabas: variação e estilo**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2026.
- AYRES-BENNETT, W. Modelling language standardization. In: AYRES-BENNETT, W.; BELLAMY, J. (org.). **The Cambridge handbook of language standardization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 27-64.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Sociolinguística Educacional**. São Paulo: Contexto, 2025.
- BORTONI-RICARDO, S. M. O Português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola editorial, 2004. p. 51-70.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 27 maio 2026.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 maio 2026.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2015 [1999].
- CEREJA, W.; VIANNA, C. D. **Português: linguagens: 6º ano**. 11. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2022. [Manual digital-interativo do professor].
- CLYNE, M. Epilogue. In: CLYNE, M. (org.). **Pluricentric languages: differing norms in different nations**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1992.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016 [1985].
- DUARTE, M. E. L. Para uma nova descrição da sintaxe do ‘português padrão’. **Cadernos de Letras da UFF**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, 2015. DOI: [10.22409/cadletrasuff.2015n51a214](https://doi.org/10.22409/cadletrasuff.2015n51a214). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43571>. Acesso em: 27 maio 2026.
- DUARTE, M. E. L. **Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil**. 1986. 76 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Linguística Aplicada ao ensino de línguas) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1986.
- DUARTE, M. E. L.; RAMOS, J. M. Variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 173-195.

FARACO, C. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. *In*: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (org.). **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015. p. 19-30.

FEYTOR PINTO, P. Português, língua pluricêntrica: teoria e realidades. *In*: KUHN, T. Z. *et al* (org.). **Português língua pluricêntrica**: das políticas às práticas. São Paulo, Pontes Editores, 2022. *E-book*. Disponível em: https://ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2_trashed/ebook/portugues-lingua-pluricentrica-das-politicas-as-praticas/. Acesso em: 27 maio 2026.

FREIRE, G. C. **A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

KATO, M. A. A gramática do letrado: questões para teoria gramatical. *In*: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, S. (org.) **Ciências da Linguagem**: trinta anos depois de investigação e ensino. Braga: CEHUM, Universidade do Minho, 2005. p. 131-145.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad.: BAGNO, M.; SCHERRE, M.; CARDOSO, C. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIMA, M. D. A. de O. **Continuum de gêneros textuais jornalísticos para a descrição de norma(s) culta(s)**: o acusativo anafórico de terceira pessoa e a ordem dos clíticos pronominais. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

LIMA, M. D. A. de O. **Quadro de pronomes pessoais na escola: diagnose e proposta pedagógica**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LIMA, R. J. Variação linguística e os livros didáticos de português. *In*: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (org.). **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 115-131.

LOPES, C. R. dos S. Pronomes pessoais. *In*: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (org.) **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-119.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento. *In*: MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-44.

MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

MILROY, J.; MILROY, L. **Authority in language**: investigating language prescription and standardisation. Abingdon: Routledge & Kegan Paul, 1985.

- MUHR, R. Linguistic dominance and non-dominance in pluricentric languages: a typology. *In*: MUHR, R. (Ed.). **Non-dominant varieties of pluricentric languages: getting the picture**. Wien: Peter Lang Verlag, 2012. p. 23-48.
- ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 54. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018 [1972].
- SCHERRE, M. *et al.* Variação dos pronomes “tu” e “você”. *In*: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.
- TRINCONI, A.; BERTIN, T.; MARCHEZI, V. **Teláris Essencial: português: 6º ano**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2022. [Manual digital-interativo do professor].
- VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. dos S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. *In*: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-132.
- VIEIRA, S. R. Três eixos para o ensino de gramática: uma proposta experimental. *In*: NORONHA, C. A.; SÁ JR., L. A. de (org.). **Escola, ensino e linguagem**. Natal-RN: EDUFRN, 2017. p. 78-104.
- VIEIRA, S. R.; FREIRE, G. C. Variação morfossintática e ensino de português. *In*: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (org.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p. 81-113.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: BAGNO, M. Revisão técnica: FARACO, C. A. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].
- ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015.

Sobre a autora

Monique Débora Alves de Oliveira Lima

Pós-doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora e mestre em Letras Vernáculas pela UFRJ e licenciada em Letras – Português/Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atuou como docente da SME/RJ entre 2013 e 2017 e, de 2017 a 2026, como professora efetiva de Português e Literaturas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental do Colégio Pedro II. Atualmente, é professora do Setor de Língua Portuguesa do Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia, do Instituto de Letras da UERJ. Coordena o Projeto Pró-norma Plural (Rio de Janeiro): do *continuum* fala-escrita para a norma-padrão. Tem interesse na área de Sociolinguística, especialmente em temas relacionados à descrição gramatical, à norma linguística e ao ensino de Língua Portuguesa.